

QUARTO DE DESPEJO: *DIÁRIO DE UMA FAVELADA* E ALGUNS DIZERES SOBRE OS CORPOS E EMOÇÕES

Edjany Nascimento¹

A Flor
Tenho uma cicatriz incandescente de dor
Mas é só por dentro
Por fora desenhei uma flor.

(SOBRAL, 2016, p. 54).

Resumo

Este ensaio tem o objetivo descrever como a narrativa de Carolina Maria de Jesus, no livro *Quarto de despejo: Diário de uma favelada*, apresenta corpos e emoções. Para isso tomamos como pressupostos reflexivos algumas produções literárias que abordam inscrições identitárias interseccionais. O corpo nas narrativas e no contexto que Carolina Maria de Jesus perpassa por gestos e lugares que ele ocupa, sendo, portanto, marcado por diferentes sistemas de opressão, como classe, raça, gênero, territorialidade e denuncia a extrema condição de pobreza vivida pelas moradoras das primeiras favelas da década de 50 do século passado. Diante da condição miserável que vivia a autora e sua família, ficam evidentes algumas representações de suas emoções. Mostrando como a narrativa explora os sentimentos de uma mulher que lutou diariamente para sua sobrevivência e de seus filhos, situação “viva”, ainda hoje.

Palavras-chave: Feminismo interseccional. Corpo. Emoções.

Introdução

O ensaio reverbera, de forma especial, algumas ponderações iniciais sobre o feminismo interseccional, que Piscitelli (2008, p. 263) aponta como a “multiplicidade de diferenciações que, articulando-se a gênero, permeiam o social”. A palavra interseccional, culturalmente e historicamente, passa por vários significados. Mas é notável o deslocamento a

¹ Mestra em Educação Física pela Universidade Federal do Vale do São Francisco- UNIVASF e professora EBTT de Educação Física do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia-IFBA, Campus Barreiras. E-mail: dijaifba@gmail.com.

partir de um marcador específico para a compreensão de diferentes configurações sociais e de desigualdade que perpassam pela pessoas ou grupos (PISCITELLI, 2008). Para Akotirene (2019) a interseccionalidade promove uma leitura mais densa de dores e estigmas que atingem as mulheres negras, notadamente. Isto é, provocará uma separação de condições criadas pelo racismo e capitalismo a esse grupo que sofreu/sofre de forma diferente.

De forma breve, o ensaio será desenvolvido de um lugar que entende a interseccionalidade como um modo ampliado de enxergar os atravessamentos e enfiamentos das mulheres negras e é a partir dessa percepção interseccional, que Carolina Maria de Jesus é colocada no estudo. Não é uma inserção opcional, mas um resgate sensível a algumas de suas memórias, que de forma direta e indireta trazem a representatividade de tantas Marias, Carolinas, Aparecidas, favelas, mendigas ou simplesmente “Neguinhas”.

A referida obra, dentre tantas, que estudamos e debatemos no Grupo de Estudos de Gênero numa Perspectiva Feminista (GEGEF), mexeu com “o meu avesso”. E cotidianamente faço-me a reflexão do porquê dessa empatia com essa história que repete-se, diariamente, nesse mundo e Brasil tão fugaz, excludente, racista e com corpos invisíveis. E me vem algumas respostas: talvez pela autora ter retirado das “suas tripas” a “escrivência” de seu sofrimento junto a outras pessoas; por ser mulher negra e tão “sabida” no contexto de miséria; ou simplesmente por ter sido a narrativa que me encantou para escrever sobre o corpo e suas afetividades, com aspirações da abordagem interseccional.

Isso considerado, este ensaio visa responder a seguinte reflexão: De que forma a narrativa de Carolina Maria de Jesus, no livro *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, apresenta os corpos e as emoções? Para tanto, possui como objetivo principal descrever como a narrativa de Carolina Maria de Jesus, no livro *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, apresenta esses corpos e essas emoções. Tomaremos como pressupostos reflexivos algumas produções literárias que abordam inscrições identitárias interseccionais.

É pelo corpo que a gente assimila as experiências

O corpo nas narrativas e no contexto de Carolina Maria de Jesus perpassa por gestos e lugares que ele ocupa. É marcado por diferentes sistemas de opressão, como classe, raça, gênero, territorialidade e denuncia a extrema condição de pobreza, conforme as narrativas da

própria autora “Credo, para viver num lugar assim só os porcos. Isto aqui é o chiqueiro de São Paulo” (JESUS, 1993/1960, p. 30). Seu corpo dói, **tem fome**, anda, se cansa, cata, transpira, sua, fede e escreve “Quando cheguei do palácio que é a cidade os meus filhos vieram dizer-me que havia encontrado macarrão no lixo. E a comida era pouca, eu fiz um pouco de macarrão com feijão”. Essa condição corporal é a sua existência, pois o corpo é a ligação das pessoas com o mundo (LE BRETON, 2012).

O corpo é produto e é produzido pelo entrelaçamento de suas práticas diárias. Carolina Maria de Jesus é prisioneira de um vaivém infinito que nunca cessa: precisa do seu corpo para catar papel e transformar o que possui para sustentar os filhos e enfrentar a fome “Está chovendo. Eu não posso ir catar papel. O dia chove eu sou mendiga. Já ando mesmo trapuda e suja” (JESUS, 1993/1960, p.55). Apesar dos diferentes constrangimentos sociais e das privações materiais, é um corpo que tem consciência da precarização da própria existência (PEREIRA, 2015). Para Merleau- Ponty (2011), essa postura corpórea representa uma ideia de potência apontada ao corpo, uma espécie de estesia. Mesmo que seja para sobreviver aos maus tratos impostos pela realidade. “Eu cato papel, mas não gosto. Então eu penso: Faz de conta que estou sonhando” (JESUS, 1993/1960, p. 26).

Emoções e mulheres negras: onde estão?

No presente estudo a emoção parte de uma perspectiva de variação contextual e de circunstâncias. Isso é, a emoção terá um lugar de fala que depende do campo e pessoas que a manifesta, atentando-se para as relações sociais e de poder (REZENDE E COELHO, 2010). Segundo essas mesmas autoras, “as emoções são consideradas fenômenos que acontecem no corpo, tanto em função de sua origem quanto também de suas manifestações” (p. 25). Frente a essas noções, surgem alguns pensamentos: Será que todas as pessoas tem direito às emoções? Onde ficam as emoções das mulheres negras, pobres e excluídas?

Na obra *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, a autora Carolina Maria de Jesus, negra, moradora da favela, mãe de três filhos, narra a vida dela e de outras pessoas, tanto aquelas que apareceram em seus relatos como aquelas que ainda permaneçam invisíveis à maioria, travando batalhas parecidas cotidianamente, como a passagem a seguir “[...]João José veio avisar-me que a perua que dava dinheiro estava chamando para dar mantimentos. Peguei a sacola e fui” (JESUS, 1993/1960, p.10). Diante da condição miserável que vivia a

autora e sua família, fica evidente algumas representações de seus sentimentos, que permeiam toda a narrativa do livro.

Dentre as emoções mais presentes no seu cotidiano, apresentam-se o choro, vergonha, alegria e os desentendimentos com outros moradores, além da presença de alguns pretendentes. A condição de mulher e mãe solteira nessa sociedade também se impõe no livro. Mesmo num ambiente em que todos sofrem, as mulheres ainda assim se encontram em um patamar abaixo, tendo de lidar também com o assédio, o abuso, o estupro, a violência doméstica e o julgamento alheio desde muito jovens. Carolina relata com frequência seu desgosto por ser mulher (JESUS, 1960; PEREIRA, 2015).

Colocar as emoções num lugar de reflexões cotidianas é uma luta diária. Falar dos afetos e sentimentos de mulheres negras, ainda é um DESAFIO, assim como, de outros grupos sociais. Em sua obra Carolina Maria de Jesus (1960) relata constantemente a invisibilidades das pessoas favelas, pois junto a ela há um coletivo que luta cotidianamente para vencer a fome. Falar das emoções dessas pessoas seria um privilégio que pobre, negro/a e mulher não pode ter? E quando esses corpos são vistos, logo adquirem estereótipos negativos que maltratam a estima dessas pessoas, como retrata o trecho abaixo:

Sáí pensando na minha vida infausta. Já faz duas semanas que eu não lavo roupa por falta de sabão. As camas estão sujas que até dá nojo. [...] Não fiquei revoltada com a observação do homem desconhecido referindo-se a minha sujeira. Creio que devo andar com um cartas nas costas: SE ESTOU SUJA É PORQUE NÃO TENHO SABÃO” (JESUS, 1960, p.89)

Algumas impressões iniciais...

Transitar pelo cotidiano (mesmo que só no imaginário) de pobreza, fome “amarela”, sentimentos e miséria de moradia das pessoas “invisíveis socialmente” pode causar dor. Requer sensibilidade e uma transposição de olhares das suas vivências pessoais e, para uma percepção da vida do/a outro/a. Ou seja, é tentar colocar-se num lugar que não pertence a você, mas que se faz presente em nosso mundo. Assim, não podemos falar que não é nosso.

Pensamos que por meio de Carolina Maria de Jesus, muitas falas e situações de vida foram apresentadas. E não é algo que está no século passado. Toda essas manifestações

ocorrem/permanecem/resistem em nosso país: a condição da pobreza, das emoções esquecidas, das mortes sangrentas e da fome. Entretanto os dizeres aqui elencados, talvez o da fome é o que cause mais tristeza, pois ela não pode esperar.

Terminamos essas palavras iniciais com a sensação de uma viagem/retorno naquilo que é mais importante na vida do ser humano: a dignidade. *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* constrói uma narrativa que explora as emoções de uma mulher que lutou diariamente para sua sobrevivência e de seus filhos, situação “viva”, ainda hoje.

Referências

AKOTIRENE, Karla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Polém, 2019.

EVARISTO, Conceição. **Olhos D’agua**. Rio de Janeiro: Pallas, 2016.

JESUS, Carolina Maria de, **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. São Paulo: Ed. Francisco Alves. 1960.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. 4. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

PISCITELLI, Adriana. **Interseccionalidade, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras**. *Sociedade e Cultura*, v.11, n.2, jul/dez, 2008, p. 263-274.

PREREIRA, Gabriela Leandro. **Corpo, discurso e território: a cidade em disputa nas dobras da narrativa de Carolina Maria de Jesus**, 2015. 252f. Tese (doutorado) - Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Arquitetura, 2015

REZENDE, Claudia Barcelos; COELHO, Maria Claudia. **Antropologia das emoções**. Rio de Janeiro: FGV, 2010.

SOBRAL, Cristiane. **Não vou mais lavar os pratos**. Brasília: Garcia, 2016.